

Artigo Convidado

Ensaio sobre o Velho e Falso Dilema entre Teoria e Prática

Essaying on the Old and False Dilemma between Theory and Practice

Marcelo de Souza Bispo

Universidade Federal da Paraíba – UFPB – Brasil

marcelodesouzabispo@gmail.com

ORCID: 0000-0002-5817-8907

Submetido em: 13/06/2021; **Aceito em:** 13/06/2021

Resumo

Objetivo: apresentar uma reflexão crítica sobre a inter-relação entre as noções de teoria e prática no campo da administração; **metodologia/abordagem:** a partir de uma perspectiva ensaística de orientação onto-epistemológica das teorias da prática social, defendo que teoria e prática não são opostas, mas fruto de uma relação simbiótica de interdependência; **contribuições acadêmicas:** apresento uma crítica à visão neoliberal dominante no campo da administração que limita e prejudica um entendimento mais amplo e plural do que podem ser teoria e prática, assim como os seus efeitos no entendimento do que significa impacto da pesquisa científica; **contribuições práticas:** finalizo o texto fazendo um convite para que possamos assumir posturas mais críticas e plurais no fazer pesquisa e nas formas de escrever sobre ela.

Palavras-chave: Teoria, Prática, Teorias da prática, Neoliberalismo, Impacto da pesquisa.

Abstract

Objective: to present a critical reflection on the interrelationship between the notions of theory and practice in the field of administration; **methodology/approach:** From an essayistic perspective drawing on the onto-epistemological orientation of social practice theories, I argue that theory and practice are not opposites but the result of a symbiotic relationship of interdependence; **academic contributions:** I present a critique of the dominant neoliberal vision in the administration field that limits and undermines a broader and more plural understanding of what theory and practice can be and their effects on the understanding of the impact of scientific research means; **practical contributions:** I end the text by inviting us to take more critical and plural positions in researching and writing about it.

Keywords: Theory, Practice, Practice theories, neoliberalism, research impact.

É com alegria que estamos comemorando dez anos do primeiro número lançado pela TPA. Neste momento, penso ser oportuno resgatar um debate que me deparei ao assumir a editoria chefe da revista em 2014: como conduzir o processo editorial de um periódico no qual o cerne das publicações está em torno das noções de “teoria” e “prática” no campo da administração? O que naquele momento me pareceu um desafio, logo foi superado ao encontrar resposta, justamente, no que me serve de referência onto-epistemológica desde 2009, as teorias da prática (Schatzki, 2001; Reckvitz, 2002; Gherardi, 2019; Bispo 2020a). Os acadêmicos que se consideram “teóricos da prática” comungam de alguns pressupostos sobre o que podemos chamar de “prática”: 1) envolvem um conjunto organizado de ações 2) formam um amplo leque de possibilidades organizativas, e, 3) são o ponto de referência para entender a vida social (Hui, Schatzki & Shove, 2017). Portanto, pensar a relação “teoria-prática”, sob essa perspectiva, implica assumir uma interdependência existente entre o que é teórico e o que é prático, um afeto (Gherardi, 2017a, 2017b). O afeto é a capacidade que algo ou alguém tem de afetar e ser afetado (Massumi, 2002). Isso nos leva à reflexão de que teoria e prática compõem uma relação afetiva de modo que ambas são entendidas como uma simbiose e não como uma dicotomia (Bispo, 2020b).

A partir desse entendimento sobre a simbiose e os afetos que envolvem teoria e prática, eu conduzi os trabalhos na TPA durante quase cinco anos. Eu entendia (e ainda entendo) que o nome “Teoria e Prática em Administração” não era uma jaula em que a prática se sobrepunha à teoria, ou mesmo que

apenas “artigos empíricos” com foco em aplicabilidade em questões empresariais deveriam ser publicados. Ao contrário, o nome da revista, para mim, tem um ar de liberdade, uma vez que não entendo teoria e prática como opostos ou um “amor impossível”, mas duas coisas que se constroem mutuamente.

Recentemente, a convite do amigo Francis Kanashiro Meneghetti (referência brasileira em como pensar teorias organizacionais), fui provocado a ensaiar sobre a relação “teoria-prática” em um pequeno texto para o Nuevo Blog (um interessante canal para pensar problemas sociais e fora da caixa). Escrevi o texto “Administração, Pecado Original e Lei de Natureza: o problema entre teoria e prática” e em algum momento dele apresentei a seguinte reflexão:

A separação entre “teoria” e “prática” nada mais é do que o pecado original se manifestando e o criador ficando refém da sua própria criatura. Mas como o pecado, neste caso, não é reconhecido como tal, mas sim como a palavra de Deus por meio dos manuais de administração e economia que fazem o papel da bíblia, também virou “assim mesmo” dizer que teoria é uma coisa e prática é outra. A evangelização dos fiéis dentro das famosas e prestigiadas igrejas (escolas de negócios) vai cada vez mais criando o dualismo (teoria-prática) e renovando a “Lei de Natureza” ou a fé, se assim preferirem (Bispo, 2020b).

Há tempos foi estabelecido um (falso) dilema de que seria desejável e necessário um “diálogo” entre teoria e prática ou de que há um “*gap*” entre essas duas coisas (Lewin, 1951; Van de Ven, 1989; Lundberg, 2004). Cabe também lembrar que, do ponto de vista das ciências sociais, as ações humanas (prática) são geradoras de simbolismos que dão origem a teias de significados (Geertz, 2008) que servem de referência (teoria) para as próprias ações humanas e suas possibilidades organizativas. Ou seja, noções acerca de teoria representam uma simbologia oriunda de processos organizativos que só existem porque atuamos coletivamente no mundo, na prática. Se partirmos da definição clássica de Theodore Richard Schatzki (2001) de que uma prática é um nexo de fazeres e dizeres compartilhados e inteligíveis por aqueles que fazem parte dela, logo, a teoria é uma prática! Portanto, uma teoria ou um artigo teórico são práticos, por excelência, porque não é possível construí-los sem ação e sem um conjunto de pessoas que compartilhem do entendimento de que se trata de uma teoria ou de um artigo. As práticas de teorização e de escrita dos textos científicos são uma produção simbólica que não existem fora de um contexto social. Em última instância, nem mesmo a filosofia pode existir sem prática, porque ela é a própria prática de filosofar (Gutiérrez-Pozo, 2020).

Certamente, eu não estou desconsiderando o que na área de administração se convencionou chamar de prática, um fazer supostamente “neutro” e “técnico”. Mas quero chamar a atenção que o emprego restrito do termo “prática” voltado para questões de caráter empírico e/ou mercadológico se trata de um reducionismo que precisa ser refletido na comunidade científica e que demanda refinamento no seu entendimento. Assim, defendo que ao falar de prática, consideremos os fazeres e dizeres de forma ampla, incluindo aqueles que representam a prática de teorizar (Weick, 1995). Isso significa que não devemos restringir os fazeres e dizeres que convencionamos chamar de “empíricos”, usualmente de orientação mercadológica, como prática. Aqui, surge mais um debate, o que significa e representa fazer uma pesquisa “prática” ancorada na noção de “mercado”? O engraçado nessa história é que a própria noção de “mercado” é tão “abstrata” (Townley, 2002) e “teórica” que temos dificuldade em identificar exatamente o que é o tal “mercado”. Ainda assim, a noção de mercado está enraizada na nossa organização social, de orientação capitalista neoliberal, tendo se tornado a própria razão do mundo (Dardot & Laval, 2016). Assim, chamar algo de prático se associa diretamente a nova razão do mundo que se apresenta como “neutra”, “técnica” e “não política”. Já nos lembrava Ellen Wood (2010) que a ideia de que política e economia não devem se misturar e que a primeira atrapalha a segunda é apenas uma justificativa para bloquear pensamentos concorrentes da política dominante (a neoliberal) que não se reconhece (ou diz não se reconhecer) como política.

Assim, dizer que devemos fazer pesquisa com foco no mercado é desconsiderar que esse tal mercado faz política fantasiada de não política (Wood, 2010). Somado ao fato de que o mercado se apropria também da noção de “razão”, monopolizando a ideia de “racionalidade”, os seus objetivos de maximização de lucros assumem um status de “normalidade” na sociedade ocidental de modo que o lucro se justifica por si só. Tal situação é o que Leda Paulani (2006) chama de “Projeto Neoliberal”, ancorado na financeirização do mundo, em que os meios de produção são preteridos por capital especulativo que é invisível e sem fronteiras. Daí surge mais um personagem que se tornou comum, os “investidores”. Eles são um público (invisível) que buscam controlar o mundo com ações especulativas no tal mercado e com flertes sedutores a políticos em troca de leis que legitimam, juridicamente, a maximização do lucro como algo normal, ou seja, uma ética (vide a ânsia por reformas que se apresentam como salvadoras, mas, na

verdade, mudam para não mudar).

Pela perspectiva bourdieusiana, seria a lógica de reprodução do pensamento da elite que se espalha pela sociedade como sendo algo “normal” (Bourdieu, 1990; Ortiz, 2003). Essa reprodução do pensamento da elite tem espaço privilegiado nas escolas (Bourdieu & Passeron, 2012; Catani, 2007) e na pesquisa, quando, por exemplo, o mercado orienta/determina o que é relevante no fazer científico sob o argumento de que a produção científica precisa ser “aplicável” e “útil” para a sociedade (Godin & Doré, 2005; Pitman & Berman, 2009). No contexto brasileiro, a reprodução do pensamento da elite parece ter um caráter ainda mais preocupante, por se tratar de uma “elite do atraso” (Souza, 2019) em que fins (lucros e privilégios) justificam os meios (e.g., precarização do trabalho, da educação e da própria ciência).

Penso ser importante dizer que, nas últimas décadas, há uma contradição normalizada de um crescimento significativo do número de bilionários no mundo, assim como de pessoas em condições de extrema pobreza (Cattani, 2009). O modelo neoliberal financeirizado parece aumentar os problemas do mundo, não só em relação à pobreza, mas também no que tange às condições ambientais e climáticas. É interessante pensar que em um contexto econômico-empresarial, ter estoque de matéria prima e produtos não é algo recomendável por ser considerado um desperdício. O mesmo já não vale para quando o assunto é acúmulo excessivo de capital financeiro. Afinal, com tanta gente passando fome e outras necessidades básicas no mundo, não seria também um desperdício o estoque de capital financeiro? É para esse mercado que devemos orientar as nossas pesquisas? Pesquisar e publicar orientado para a “prática” neoliberal é o nosso objetivo? Será que a TPA (financiada com recursos públicos) deve acolher textos “práticos” que ajudam na construção de ideias que aumentam a desigualdade e a pobreza só porque a maximização dos lucros virou um valor humano, uma ética?

Além da discussão do que é prática, há também no meio acadêmico, de longa data, debates sobre o que é “teoria” (Sutton & Staw, 1995; Weick, 1995; Wacker, 1998; Suddaby, 2014; Sandberg & Alvesson, 2021). O problema em achar que prática é o oposto de teoria, assim como acreditar que o único entendimento do que seja teoria está relacionado a um conhecimento conceitual que visa a explicar fenômenos (Schatzki, 2009), desconsidera o longo debate que ainda é corrente sobre o tema. Mais recentemente, Jörgen Sandberg e Mats Alvesson (2021), dois acadêmicos de destaque no campo da administração e das organizações, escreveram um artigo no qual, justamente, questionam o status de *taken-for-granted* da noção de teoria e propõem uma classificação com cinco diferentes possibilidades do que se pode chamar de “teoria” (explicativas, compreensivas, ordenadoras, emergentes e provocativas). Ainda que a classificação apresentada possa ser criticada por, a título de exemplo, desconsiderar outras cosmologias fora do contexto do Norte Global (Faria & Bispo, 2020), evidencia o caráter elástico na construção simbólica a partir da prática do que pode ser considerado teoria. Mais uma vez, Bourdieu (2011) nos mostra em *Homus Academicus* que o fazer científico é um campo de disputas e violências simbólicas. Assim, a predominância sobre o que são teoria e prática não estão fora dessas disputas de poder.

Todo este debate também nos leva a pensar sobre o novo queridinho do meio acadêmico nos últimos anos, o tal do “impacto” da pesquisa (Donovan, 2011; Gunn & Mintrom, 2017; Sandes-Guimarães & Hourneaux Junior, 2020). De antemão, digo que acho importante que as pesquisas científicas sejam capazes de contribuir para a melhora das condições de vida no mundo. Entretanto, não me parece razoável restringir impacto da pesquisa no campo da administração a soluções que envolvem prioritariamente ganhos econômicos (Edwards & Meagher, 2020; Pitman & Berman, 2009). A ideia de impacto sob a égide de ganhos econômicos serve de disfarce da apropriação do termo “impacto” pela nova razão do mundo (Dardot & Laval, 2016) que é orientada pela “ética” da maximização do lucro. Penso que a nossa missão é muito mais complexa e não será resolvida privilegiando ganhos econômicos para poucos. Tal entendimento já se reflete no Brasil em políticas de educação, ciência e tecnologia que priorizam a produção científica capaz de produzir ganhos econômicos em detrimento de outras, por exemplo, que visem a impactos de ordem social, ambiental, cultural, educacional e de combate às desigualdades. Chegamos ao ponto de termos movimentos contra alguns campos de conhecimento relacionados às ciências humanas e sociais sob o argumento de falta de relevância. Mas, o que me parece ser o real motivo do ataque às ciências humanas e sociais é, justamente, a capacidade delas em questionar e criticar a nova razão do mundo e mostrar as suas mazelas (Calhoun & Wieviorka, 2015; Costa, 2020).

Chama a atenção como a construção simbólica em torno da noção de impacto está ancorada em uma perspectiva de que todo impacto é positivo. Ou seja, ter impacto é bom! Mas esse é um entendimento míope sobre impacto, uma vez que impactar algo ou alguém pode ter também consequências

negativas (Bispo & Davel, 2021). A definição do que é positivo ou negativo em relação ao impacto da pesquisa traz em seu bojo níveis razoáveis de controvérsia e polêmica (Gunn & Mintrom, 2017). Nesse sentido, nada melhor do que ampliar os entendimentos do que é impacto da pesquisa (Sandes-Guimarães & Hourneaux Junior, 2020), assim como levar em consideração que toda pesquisa, antes de mais nada, precisa fazer sentido para quem a produz (Alperstedt & Andion, 2017).

Vou me encaminhando para o final da minha reflexão dizendo que a TPA vem trazendo ao longo da última década contribuições importantes para o campo da administração no Brasil (e também fora dele). Isso se dá em razão de conseguir lidar com a tensão estabelecida (bem antes do surgimento da revista) entre “teoria e prática”, sendo capaz de jogar luz sobre a discussão e abrindo oportunidade para um debate plural que enriquece as reflexões sobre o tema. Torço para que a TPA continue a avançar na sua relevância enquanto periódico científico, sempre abraçando a simbiose e não a polarização entre teoria e prática. Tal posição deve se refletir na publicação de textos que representem a inter-relação entre teoria e prática sem privilegiar posições que possam romper com a diversidade e os afetos que emergem dessa dinâmica. Foi uma honra ter liderado o projeto da TPA no seu momento de consolidação enquanto periódico científico na comunidade brasileira de administração e ter iniciado o seu processo de internacionalização. Que muitas outras décadas possam vir!

Referências

- Alperstedt, G. D., Andion, C. (2017). Por uma pesquisa que faça sentido. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 57(6), 626-631.
- Bispo, M. de S. (2020a). Book review: Silvia Gherardi's influence on practice-based studies and organizational research. *Qualitative Research in Organizations and Management*, 15(4), 561-565.
- Bispo, M. de S. (2020b) Administração, Pecado Original e Lei de Natureza: o problema entre teoria e prática. *Nuevo Blog*. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2020/04/29/administracao-pecado-original-e-lei-de-natureza-o-problema-entre-teoria-e-pratica/>. Acesso em: 11/06/2021.
- Bispo, M. de S. & Davel, E. P. (2021). Editorial: Impacto educacional da pesquisa. *Organizações & Sociedade*, 28(97), i-viii.
- Bourdieu, P. (2011). *Homo academicus*. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle, Rev. Téc. Maria Tereza de Queiroz Piacentini. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Bourdieu, P. (1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.
- Bourdieu, P. & Passeron, J. C. (2012). A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Calhoun, M. & Wieviorka, M. (2015). Manifesto para as ciências sociais. *Revista Sociedade e Estado*, 30(3), 597-627.
- Catani, A. M. (2007). Compreendendo os fundamentos ocultos da dominação. *Revista Educação*, v. 5, 74-83.
- Cattani, A. D. (2009). Riqueza e desigualdades. *Cad. CRH*, 22(57), 547-561.
- Costa, C. (2020). A sociedade não evolui sem as ciências humanas: Professores da USP explicam por que as humanidades são fundamentais para o desenvolvimento do País. *Jornal da USP*. [online] Available at: <<https://jornal.usp.br/cultura/a-sociedade-nao-evolui-sem-as-ciencias-humanas/>> [Accessed 13 June 2021].
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Donovan, C. (2011). State of the art in assessing research impact: introduction to a special issue. *Research Evaluation*, 20(3), 175-179.
- Edwards, D. M., & Meagher, L. R. (2020). A framework to evaluate the impacts of research on policy and practice: a forestry pilot study. *Forest Policy and Economics*, 114, 101975.
- Faria, A., and Bispo, M. de S. (2020). Estórias do passado para um futuro pós-COVID 19: além da normalidade da 'boa gestão'. *Gestão E Sociedade*, 14(39), 3759-3768.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das Culturas*. 1º. ed. 13º reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Gherardi, S. (2017a). One turn. . . . and now another one: Do the turn to practice and the turn to affect have something in common?. *Management Learning*, 48(3), 345-358.
- Gherardi, S. (2017b). What is the place of affect within practice-based studies? *M@n@gement*, 20(2), 208-220.
- Godin, B., & Doré, C. (2005). Measuring the impacts of science: beyond the economic dimension., Paper presented at the HIST Lecture, Helsinki Institute for Science and Technology Studies, Helsinki,

- Disponível em: www.csiic.ca/PDF/Godin_Dore_Impacts.pdf.
- Gunn, A., & Mintrom, M. (2017). Evaluating the non-academic impact of academic research: design considerations. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 39(1), 20-30.
- Gutiérrez-Pozo, A. Pensamientos caminados para caminar: una contribución al concepto de meditación filosófica en Ortega y Gasset como síntesis de teoría y práctica. *Trans/Form/Ação*, 43, 19-40.
- Hui, A., Schatzki, T., & Shove, E. (2017). Introduction. In Hui, A., Schatzki, T., & Shove, E. (Eds), *The nexus of practices: connections, constellations, practitioners*. (pp. 1-7). Oxon: Routledge.
- Lewin, Kurt. 1951. *Field theory in social science: Selected theoretical papers*, ed. Darwin Cartwright. New York: Harper Torchbooks.
- Lundberg, C. C. (2004). Is there really nothing so practical as a good theory? *Business Horizons*, 47(5), 7-14.
- Massumi, B. (2002). *Parables for the virtual: Movement, affect, sensation*. Durham, NC: Duke University Press.
- Ortiz, R. (2003). *A sociologia de Pierre Bourdieu* (Org). São Paulo: Olho d'Água.
- Paulani, L.M. (2006). O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. In J. C. F. Lima, & L. M. W. Neves (Org). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo* (pp. 67-107). Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Pitman, T., & Berman, J. (2009). Of what benefit and to whom? Linking Australian humanities research with its 'end users'. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 31(4), 315-326.
- Sandberg, J. & Alvesson, M. (2021). Meanings of Theory: Clarifying Theory through Typification. *Journal of Management Studies*, 58(2), 487-516.
- Sandes-Guimarães, L. V., & Hourneaux Junior, F. (2020). Editorial: Research impact – what is it, after all? Editorial impact series part 1. *RAUSP Management Journal*, 55(3), 283-287.
- Schatzki, T. (2009). Dimensions of social theory. In Jacklin, H. and Vale, P. (Eds), *Reimagining the Social in South Africa: Critique and Post-Apartheid Knowledge* (pp. 29-46). Durban: University of kwaZulu Natal Press.
- Schatzki, T. (2001). Introduction: Practice theory. In Schatzki, T. R., Knorr-Cetina, K., & Von Savigny, E. (eds). *The Practice Turn in Contemporary Theory* (pp. 1-14). New York: Routledge.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro, RJ: Estação Brasil.
- Suddaby, R. (2014). Editor's comment: Why theory?. *Academy of Management Review*, 39(4), 407-11.
- Sutton, R. & Staw, B. (1995). What theory is not. *Administrative Science Quarterly*, 40(3), 371-84.
- Townley, B. (2002). Managing with modernity. *Organization*, 9(4), 549-573.
- Van de Ven, A. H. (1989). Nothing Is Quite So Practical as a Good Theory. *Academy of Management Review*, 14(4), 486-489.
- Wacker, J. G. (1998). A definition of theory: Research guidelines for different theory-building research methods in operations management. *Journal of Operations Management*, 16(4), 361-85.
- Weick, K. E. (1995). What theory is not, theorizing is. *Administrative Science Quarterly*, 40(3), 385-90.
- Wood, E. M. *Democracia contra o Capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2010.